

**JESUÍTAS NO ORIENTE NO SÉCULO XVI:
O PADROADO PORTUGUÊS NO ESTADO DA ÍNDIA**BORGES, Felipe Augusto Fernandes¹COSTA, Célio Juvenal²**Introdução**

A Companhia de Jesus foi uma das ordens mais atuantes em território lusitano, tendo ingressado na empresa religiosa lusa tão logo estava formada. O presente artigo versa a respeito da progressiva primazia alcançada por esta Companhia nas missões do Padroado português no Oriente, especialmente na Índia. Constituiu-se, ainda, na elaboração das discussões levantadas em dois projetos de pesquisa, realizados de 2010 a 2012, vinculados ao Departamento de Fundamentos da Educação e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Tais projetos abordaram a ação catequética e evangelizadora dos primeiros padres portugueses nas Índias, entre os anos de 1499 a 1542 bem como a posterior atuação inaciana no recorte de 1542 a 1554. As fontes utilizadas em tais pesquisas foram os cinco primeiros volumes da *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, coligidas e anotadas por Antonio Silva Rego (REGO, 1947; 1991; 1950a; 1950b; 1951).

A expansão territorial e imperial portuguesa teve sempre como uma de suas características principais a forte presença da Igreja, aliada fiel nos “descobrimientos” e colonizações empreendidas pelo reino lusitano.

A presença e atuação dos padres e irmãos religiosos nos domínios portugueses do ultramar se estendem por todo o período das colonizações. A forte união entre Estado e Igreja vai, progressivamente, desencadear uma série de concessões por parte da Santa Sé aos reis de Portugal, formando, aos poucos, a instituição conhecida como Padroado. Esta instituição, grosso modo, delegava à Coroa Portuguesa o controle eclesiástico em seus territórios, em contrapartida do financiamento das missões, do sustento dos missionários bem como da

¹Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Membro dos grupos de pesquisa LEIP (Laboratório de Estudos do Império Português) e do DEHSCUBRA (Educação, História e Cultura: Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII).

²Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Membro do grupo de pesquisa DEHSCUBRA (Educação, História e Cultura: Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII) e líder do grupo LEIP (Laboratório de Estudos do Império Português)

construção e manutenção das igrejas e materiais necessários às celebrações. Tais direitos e deveres foram promulgados por diversos documentos (bulas, breves, cartas, recomendações papais...) expedidos pelos sucessivos Vigários de Cristo, os quais ao longo do processo expansionista delimitaram e moldaram a referida instituição (OLIVEIRA, 1958).

Sendo, então, dada ao Império a responsabilidade pela evangelização e conversão dos novos súditos, observamos que nas conquistas do Oriente, em especial na Índia, houve também uma grande atividade eclesiástica. Estas atividades compreenderam tanto a catequização dos nativos quanto o atendimento religioso aos portugueses que iam para estas partes consolidar o processo de colonização.

Durante os primeiros anos das missões orientais, diversas ordens religiosas desempenharam um importante papel na evangelização dos indianos. Eram diversos os padres que iam todos os anos nas armadas portuguesas para a Índia, entre eles destacamos a presença de franciscanos, dominicanos e agostinhos. Porém, ressalta-se que muitos desses padres, longe da metrópole portuguesa, desviavam-se de seu propósito inicial, entregando-se à prática do comércio e, muitas vezes ainda, descumpriam seus votos religiosos, vivendo de maneira dissoluta e imoral, considerando-se os padrões exigidos pelas suas ordens religiosas.

Contudo, apesar dos “desvios” de alguns padres, muitos destes realmente procuraram realizar seu trabalho de catequese e evangelização com afinco e seriedade. Porém, apesar dos esforços empreendidos pelos primeiros padres na luta pela conversão das almas, verificamos pouca eficácia nesse sentido durante os primeiros anos da missão. Pode-se atribuir este parcial insucesso a vários fatores tais como o “relaxamento disciplinar” de alguns padres, o baixo ou nulo esforço dos primeiros padres em aprender as línguas nativas a fim de facilitar sua comunicação e pregação, assim como o desconhecimento (e desinteresse em conhecer) das religiões e crenças locais. Ainda podemos adicionar a falta de recursos financeiros e até mesmo de pessoal, ou seja, a própria falta de padres missionários (MANSO, 2009).

Foram exíguos, nos primeiros anos, o número de conversões efetivas, pois quando estas aconteciam, eram em sua maioria conversões superficiais de pessoas com desejos de usufruir os bens e favorecimentos que os portugueses poderiam lhes dar (BOXER, 1981).

Evidente é que não podemos generalizar todos os esforços e todas as conversões assim. Certo é que houve verdadeiros esforços e verdadeiras conversões, porém

[...] foi a Companhia de Jesus, em seu papel de ponta-de-lança da Igreja militante, que tornou a luta pelas almas tão intensa e ampliada quanto a competição pelas especiarias. Os filhos de Loiola estabeleceram e mantiveram padrões muito mais elevados do que seus predecessores, e o notável desenvolvimento das missões portuguesas entre 1550 e 1570 deveu-se sobretudo à obra deles [...]. (BOXER, 2002, p. 81)

No Oriente este cenário não destoou: foi com a chegada dos jesuítas, a partir de 1542, que deu-se o real e satisfatório impulso das missões. Vale também lembrar que, mesmo com a chegada dessa nova ordem eclesiástica, os missionários das antigas ordens continuaram na Índia e continuaram sendo também enviados para a missão oriental. Porém, a partir de sua chegada, os jesuítas adquirem um lugar de certa forma privilegiado com relação às outras ordens e passam a desempenhar um papel fundamental na formação da cristandade do alémmar. Esse aspecto será pormenorizado na sequencia deste trabalho.

A Companhia de Jesus e a Coroa Portuguesa

Antes mesmo de ser oficializada, em 1540, a Companhia iniciou aquilo que Costa (2004, p.25) denominou como uma “próspera relação” com a Coroa lusitana, na pessoa do rei D. João III. Ainda segundo o mesmo autor, data de 1538 o primeiro documento em que os inacianos são mencionados ao referido monarca português. Assim, quando de sua oficialização, a Companhia já contava com o apoio de Portugal, tanto que, nos anos que se seguiram, tornou-se a principal ordem a atuar sob a bandeira do Padroado luso.

Desde que informado por Diogo de Gouveia, embaixador português em Paris, sobre essa nova ordem, D. João III manifestou o interesse para que os mesmos trabalhassem como evangelizadores das conquistas portuguesas. Ainda em 1539, o mesmo rei escreve a seu embaixador em Roma, D. Pedro Mascarenhas para que este verifique a veracidade das informações recebidas e, em caso de veracidade, convidasse os ditos padres a exercer seu ministério sob a Coroa lusitana (TAVARES, 2004).

A partir destes primeiros contatos, os inacianos não mais se ausentaram do território e das missões portuguesas – isto é, até o ano de 1759, quando de sua expulsão deste território, pelo Marquês de Pombal. Nas terras lusas, os jesuítas tiveram grandes e duradores

empreendimentos como mosteiros, colégios, igrejas e outros, sempre sob os auspícios e apoio da Coroa.

Sua atuação destacou-se, principalmente, pelo impacto que causou às missões lusas do ultramar, especialmente na Índia e no Brasil. Os métodos de trabalho dessa nova ordem fizeram com que o Padroado alcançasse resultados até então não experimentados desde sua criação. O constante esforço desses padres pelas conversões de nativos fez com que o número de convertidos se multiplicasse quase que “a cada dia” nas terras dos domínios portugueses. Esse assunto, porém, será detalhado na sequência do trabalho.

É deveras importante salientar, mais uma vez, que a Companhia de Jesus expressa a realidade de um momento. Sua constituição, formação e atuação expressa também o desejo reformador da Igreja, advindo do contexto tridentino. O jesuíta é, novamente nas palavras de Costa (2004, p. 118), um “instrumento da Reforma Católica”. Segundo o autor, essa estreita ligação com as discussões de Trento pode perceber-se nas Constituições da Companhia de Jesus “quando se encontra naquelas regras e normas a valorização da formação intelectual dos futuros padres” (idem, p. 127). Corroborando a tese, citamos Manso (2009, p. 132) afirmando que:

A política missionária dos jesuítas fez parte integrante da renovação tridentina da Igreja Católica. A formação a ser ministrada ao clero passou a ser uma das principais preocupações. Para isso foram criados seminários, destinados à preparação de homens capazes de executarem com rigor as tarefas pastorais: pregação, liturgia e administração dos sacramentos. [...] A Companhia de Jesus foi a Ordem que melhor respondeu às novas exigências doutrinárias [...].

Ainda segundo a autora, o jesuíta passa a representar a valorização dos sacramentos, da pregação e da liturgia católica propriamente dita. Isso ocorre em resposta direta ao Protestantismo que, em sua pregação, desvalorizava os ditos sacramentos, atribuindo o valor primordial à chamada “justificação pela fé” (idem, p. 132).

Parece possível afirmar que um dos motivos mais plausíveis para a escolha dos jesuítas como a “nova ordem” para as missões portuguesas foi justamente o caráter renovador que a mesma apresentava. A essa altura da história, já havia se passado quase meio século de missões no Oriente, e os resultados continuavam exíguos. A renovação, a mudança, poderia resultar numa transformação desse quadro, o que de fato ocorre anos mais tarde. Ao trazer a

Companhia para Portugal e domínios, D. João III pretendia contar com esses padres para a Reforma da Igreja no reino e nas conquistas, ainda que Portugal nunca tivesse sentido os impactos da Reforma Protestante. Ainda assim, a Igreja em Portugal necessitava de uma renovação, necessidade que se fazia ainda mais premente no Oriente e mesmo no Brasil (idem, 2009).

Ainda recorrendo a Manso (2009), a autora considera a Companhia como um instrumento necessário à missionação oriental, devido ao insucesso até então experimentado mesmo pelas ordens mendicantes. Destaca, também, a já referida precária preparação dos religiosos face às complexas religiões orientais e o reduzido número de padres existentes nas missões até então. Completa afirmando que a disciplina e a hierarquia próprias da Companhia davam a esta condições de triunfar onde outros haviam fracassado. Tal triunfo representaria, na prática, maior aculturação de nativos, gerando maior “colaboração” dos mesmos com o domínio pretendido pelo Império.

Dessa forma, afirmamos que a chamada dos jesuítas à Portugal e domínios expressa a urgência sentida por D. João III de um projeto de evangelização que realmente impactasse as conquistas orientais, alargando o Cristianismo, elemento crucial para agregação de tão vasto território. Se havia algo que unia portugueses e dominados sob uma só identidade, um só governo, um só Império, era o fato de terem uma só religião. Este foi o elemento aglutinador do Império Português durante toda sua existência. O fracasso da evangelização oriental representaria, ao longo prazo, o fracasso do próprio domínio português naquelas partes. Para que tal não ocorresse, o Rei agrega um novo e poderoso instrumento a seu Padroado: a Companhia de Jesus.

Inácio de Loiola, por sua vez, conhecia a necessidade de uma agência financiadora do crescimento de sua recém-nascida ordem, e enxergou na Coroa Portuguesa tal possibilidade. Ao receber proteção e impulso da Coroa que representava um dos mais influentes poderes políticos da época, Loiola estava recebendo uma importante legitimação da importância de sua nova ordem dentro dos entraves próprios ao contexto do século XVI.

Missões no Oriente sob a Companhia de Jesus

Data de 1542 a chegada do primeiro representante da Companhia de Jesus às terras indianas: era ele o Padre Francisco Xavier. Como já mencionado, as missões orientais sob a bandeira desta ordem religiosa diferiram em alguns pontos dos trabalhos anteriormente realizados, tanto que tais diferenças puderam ser percebidas ao longo prazo, no tocante ao número de convertidos ao cristianismo assim como a qualidade destas conversões.

Nesse ponto do trabalho, abordaremos a presença e a atuação jesuítica propriamente dita, contrapondo as atividades da Companhia com as atividades dos demais religiosos, sempre que as fontes nos permitirem. A fim de melhor alcançar nosso intuito, lançaremos mão de uma grande gama de citações das fontes primárias, constituindo-se, na maioria, de cartas dos inicianos, especialmente do padre Francisco Xavier. A utilização destas fontes no corpo do trabalho visa dar ao leitor a noção exata do trabalho dos padres jesuítas na visão e descrição dos próprios membros da Companhia.

Logo que chega a Goa, Xavier escreve uma carta destinada à corte portuguesa, datada de 20 de setembro de 1542, a fim de informar sobre a viagem que fora feita e os primeiros contatos naquelas terras (In: REGO, 1950a, p. 26-34). Por meio dessa correspondência, podemos observar já as primeiras impressões que o padre recebe em seu novo campo missionário.

Já de início, Xavier deixa claro que há muito trabalho a ser realizado na Índia, e que seu empenho será para que tal trabalho não seja negligenciado. Em sua carta, faz menção de visitas aos enfermos, confissões, pregações e ensinamentos. Pode-se perceber o vigor missionário e a crescente atividade deste padre, dando inicialmente como exemplo o seguinte excerto:

Aquí em Goa posse em El espítal. Confesava y comulgava los enfermos que ayestavan; eran tantos los que venían a confesarse, que, si estuviera em diez partes partido, en todas ellastuviera que confesar. Después de cumplir com los enfermos, confesava por La mañana los sanos que me venían a buscar; y después de mediodía yva a La cárcel a confesar los presos, dándoles alguna orden y entiligencia primero del modo y ordem que avían de tener para confesarse generalmente. Después de aver confesado los presos, tomé una ermita de nuestra Señora, que estava cerca Del espítal, y ay comencé a enseñar los mochachos lās oraciones, el Credo y los mandamientos; pasavan muchas vezes de trezientos los que venían a La doctrina cristiana. Mandó el Señor Obispo que por lās otras yglesias se hiziese lo mesmo, y así se continua agora, donde El servicio que a Dios nuestro Señor em esto se haze es mayor do lo que muchos piensan. (idem, p. 31-32)

As atividades acima descritas por Xavier dão uma ideia de tudo o que se tinha por fazer pelos cristãos da Índia, tanto pelos portugueses quanto pelos naturais da terra. Destacamos o discurso acima, pois, a voz de Xavier é, por assim dizer, a representação da voz da Companhia de Jesus na Índia. Não só nos documentos, mas na historiografia do assunto, encontramos frequentemente menções a Xavier como cavaleiro de Cristo, apóstolo do Oriente e outros (ROSA, 1954).

Até sua morte, em 1552, Xavier será o homem a quem os jesuítas terão de respeitar na Índia, será seu superior oriental. As atividades daquele padre representam não apenas uma individualidade, mas carregam em si a significação da postura de um grupo: a Companhia de Jesus. Durante toda a sua vida e mesmo após sua morte, Xavier era lembrado pelos irmãos da Companhia como um modelo, um exemplo a ser seguido. Desta forma, ao nos referirmos às atividades xavierianas, estamos nos referindo às atividades que posteriormente seriam adotadas e imitadas por todos os demais jesuítas que fossem missionar em terra indianas.

O primeiro aspecto que queremos então destacar na Companhia de Jesus é a polivalência que os ditos padres desempenharam no Padroado Oriental. As atividades eram as mais diversas possíveis, como se vê no documento. Onde quer que chegavam os jesuítas ocupavam-se primeiramente por levantar todas as hipóteses de evangelização possíveis. A partir do crescimento do número de padres dessa companhia no Oriente, os mesmos passaram a estar em todos os lugares imagináveis para o trabalho cristão: prisões, hospitais, orfanatos, fortalezas, no ensino das crianças portuguesas e nativas, enfim. Todas as possibilidades de “acrescentamento da santa fé católica” não eram desperdiçadas. Esse aspecto deve ser salientado, pois revela em si novamente a ligação entre o programa da Companhia e os ideais pretendidos no Concílio de Trento.

A atividade da Companhia é tão intensa que, a partir de sua chegada no Oriente, é como se as outras ordens “embotassem” nos relatos que lemos nas fontes. Ainda segundo Manso (2009, p.14):

Os inicianos encontraram no enclave português um espaço social que lhes permitiu afirmarem-se em relação às restantes ordens, mobilizando a preparação trazida das Universidades e, depois, seminários europeus que, aliada a novas metodologias de pregação e circulação religiosas, fizeram mesmo com que o número de cristãos

aumentasse significativamente em muitos espaços de presença portuguesa, pelo menos em comparação com a época precedente.

Na realidade, não houve um rompimento com os antigos trabalhos, mas, pouco a pouco, a Companhia foi se apropriando (ou sendo apropriada) de praticamente toda a estrutura que havia sido construída pela Igreja e pelas outras ordens eclesiásticas na Índia. Podemos afirmar que o número de jesuítas nestes espaços também foi gradual e paulatinamente acrescido pelo sucessivo envio de missionários ao grupo de Xavier e ao grande favorecimento dado a estes clérigos pelo rei português. Novamente, conforme Manso (*idem*, p.133-134),

Os mecanismos traçados para as missões da Índia, a partir de 1542, davam sequência ao que as outras Ordens já tinham definido como política missionária. [...] No entanto, tinham-se criado estruturas que vão ser aproveitadas e desenvolvidas pelos inicianos, nomeadamente na questão assistencial [...]. Embora a coroa portuguesa se tivesse empenhado desde sempre nesta matéria, nesta altura tudo passou a ser feito de forma mais planificada. Foram criadas condições políticas e económicas que permitiram ao missionário actuar de forma mais eficaz. D. João III tomou medidas que aceleraram toda a obra missionária na Índia [...].

Veja-se que, além dos novos métodos da Companhia, o impulso das missões orientais deu-se também devido ao fato de que D. João III, neste momento histórico, concede a estas missões maiores condições tanto políticas quanto financeiras para desenvolvimento das mesmas. A predileção do monarca pela Companhia fez com que este, além de enviá-la desse-lhe as condições necessárias ao sucesso de sua empreitada.

Em geral, os jesuítas pareciam interessados também na educação e cuidado das almas dos portugueses, aventureiros do além-mar, assim como de seus filhos. Porém, o que chama atenção nas cartas analisadas é que, diferindo das antigas ordens, os inicianos davam muito mais atenção e dedicavam-se sobremaneira na conversão dos nativos. A grande missão impetrada pela Companhia era essencialmente a de levar o evangelho àqueles que ainda não o conheciam. Tal fato evidencia-se em muitas passagens documentais, podendo ser observado que, via de regra, os jesuítas que chegavam à Goa eram logo dispersados pelo território de domínio lusitano, à busca de aldeias, povoados, lugares onde ainda não houvesse clérigos ou

igrejas, para ali erigir uma base para seus trabalhos de catequese e evangelização. A busca das almas e a salvação dos gentios estavam na ordem primaz da missão jesuítica oriental.

O esforço dos jesuítas para converter os nativos é tão real e intenso que, diferentemente das missões anteriores, as jesuíticas desejavam não apenas o batismo dos nativos, mas a real conversão e compreensão dos mesmos. Por meio das cartas de Xavier, e mesmo das instruções que este envia aos seus subordinados, percebemos que estes padres desejavam que os nativos primeiramente compreendessem o evangelho, bem como os chamados “artigos de fé” para posteriormente serem batizados e contados como cristãos. A despeito dos anos anteriores que havia produzido o grande contingente a que Boxer (2002) se refere como os “cristãos de arroz”, os jesuítas agora se esforçavam não só por números de cristãos, mas também, e principalmente, pela qualidade dessas conversões. Desejavam os jesuítas conversões conscientes e verdadeiras, a fim de que se mostrassem também conversões duradoras.

Nesse sentido, impunha-se um novo desafio para a política missionária da Companhia: até sua chegada no Oriente, os antigos detentores das missões haviam realizado um raso ensino do português aos nativos, para que, de posse da língua lusitana, estes pudessem ser catequizados. O problema é que, devido à complexidade da língua portuguesa, muitos nativos aprendiam apenas o essencial, ficando privados de muitas palavras e expressões necessárias à efetiva compreensão do catecismo. A não-compreensão da língua portuguesa, aliada à complexidade de algumas doutrinas do cristianismo juntavam-se para produzir as já supracitadas conversões, muito mais emocionais e interesseiras do que racionais.

Compreendendo tal impasse, a Companhia, por sua vez, adota uma forma diferente de evangelização: os padres missionários é que aprenderiam a língua dos nativos e, por consequência, traduziriam os artigos de fé e a catequese para a linguagem local. Essa atividade foi o que podemos chamar de revolução no ensino cristão para os nativos. A comprovar nossas afirmações, citamos Xavier em carta aos jesuítas em Roma, datada de 15 de janeiro de 1544, contando sobre os diálogos que tivera com alguns cristãos nativos, no início de sua missão oriental:

[...] y demandándoles acerca de los artículos de La fee, lo que creyan, o tenían más aora que eran christianos que quando eran gentiles, no hallava em ellos outra respuesta, sino que eran christianos, y que por no entender ellos nuestra lengua no sabían nuestra lei, nilo que avían de creer; y como ellos no me entiendiesen, ni yo a ellos, por ser su lengua natural malavar y La mia bizcaína, ayunté los que entr'ellos eran más sabidores, y busqué personas que entiendiesen nuestra lengua y suia dellos. Y después de avernos ayntado muchos dias com grande trabajo, sacamos lãs oraciones, começando por el modo de sanctiguar, confessando las tres personas ser um solo Dios: después el Credo, mandamientos, Pater noster, Ave María, Salve Regina, y La confesión general de latín em malavar. Después de aver sacado em su lengua y saberlas de coro, iva por todo el lugar con uma campana em la mano, ayuntando todos los muchachos y hombres que podia, y después de aver los ayntado, los enseñava cada día dos vezes; y em espacio de um mes enseñava lãs oraciones, dando tal orden, que los muchachos e sus padres y madres, y a todos los de casa y vezinos, enseñassem los que en las escuela deprendían. (In: REGO, 1950a, p. 56)

Compreende-se, nesta narração de Xavier que, em seu contato inicial com aqueles nativos que se declaravam cristãos, ele espanta-se por não conseguir dos mesmos nenhuma resposta sobre em quem, por que, ou como criam nas coisas da fé cristã. Inconformado, o padre encontra meios para traduzir as orações, mandamentos e artigos de fé à língua nativa. Além disso, Xavier conta a seus confrades que, após decorar as traduções, saiu pelos lugares onde havia cristãos para ensiná-los a fé cristã em língua materna. A ordem do padre era para que, tanto quanto possível, os próprios cristãos ensinassem aos parentes, vizinhos e demais cristãos as orações e mandamentos aprendidos. Na continuação da carta, Xavier afirma que os nativos muito se alegravam em aprender as orações em sua língua, como dito no seguinte trecho:

Los domingos hazía ayuntar todos los del lugar, así hombres como mugeres, grandes e pequeños, a dizir las oraciones em su lengua; y ellos mostravan mucho plazer, y venían com mucha alegría. Y començando por la confesión de un solo Dios, trino y uno, a grandes bozes dezían el Credo em su lengua y ansí como yo iva dizendo todos me respondían; [...]. (idem, p. 56, sem grifos no original)

Já o padre jesuíta Henrique Henriques, em carta datada de 1546 aos seus confrades em Coimbra, demonstra sua comoção ao deparar-se com a celebração de uma missa em língua nativa:

Que consolação vos parece que receberiam nossas almas, quando nós, chegando a casa e entrando na igreja víssemos estar pregando a huum Irmão dos que aqui

estão em casa em sua mesma lingua aos christãos naturaes da terra! Quid dicam, ver-lhes aos Irmãos desta casa officiar huma missa e rezar suas vespervas tudo entoado! Não vos poderieys ter, Irmãos, que de prazer não chorasseis. Hé cousa pera muito se louvar o Senhor, ver que os que eram gentios e ministros do demonio e que aviam de ser sacerdotes dos ídolos agora nos incitem louvar a Deus. (idem, p. 377-378)

A atividade de tradução e difusão do evangelho nas línguas nativas tinha por objetivo essencial dar aos indianos o acesso às verdades cristãs, assim como proporcionar a já citada compreensão das mesmas de forma mais efetiva e próxima à cultura local.

Outro diferencial no processo de ensino e catequese jesuítica é a ênfase dada à intervenção cultural e religiosa aplicada sobre as crianças. Não queremos afirmar com isso que os padres jesuítas não trabalhavam ensino e catequese junto a adultos, porém, as instruções aos missionários nas Índias estão sempre permeadas pela constante lembrança do “ensino dos meninos”.

Percebe-se, também, nos escritos jesuíticos que, em suma, estes acreditavam numa maior eficiência do ensino (tanto da língua quanto da catequese) quando aplicada às crianças. É frequente a preocupação do próprio Xavier quanto ao tempo dependido a este departamento da missão oriental. No Brasil, apenas para anotar a mesma atitude dos jesuítas, Anchieta chega a mesma conclusão.

As formas de trabalho da Companhia realmente passaram a surtir o efeito desejado na Índia. O número de cristãos não apenas aumentou como cresceu também a qualidade das conversões e o conhecimento dos conversos acerca da religião que adotavam. O sucesso missionário está estampado em documentos da época, tanto de jesuítas quanto de admiradores dos mesmos.

O jesuíta Manuel de Moraes, escrevendo aos confrades de Roma em 1549, afirma ter batizado 600 pessoas na Costa do Malabar, num espaço de 13 meses (idem, pp. 212-217). Comparados com os números registrados antes da chegada dos jesuítas, estes refletem a tenacidade com que os mesmos se empenhavam para o incremento das conversões.

As análises das características da missão oriental realizada pela Companhia de Jesus trazidas neste trabalho não têm a intenção de esgotar o assunto. Pelo contrário, propõem-se em contribuir criticamente para o debate em torno desta que é, por assim dizer, a mais importante Ordem religiosa da Igreja Católica na Modernidade.

Cabe-nos ainda ressaltar que, no período compreendido por nossas fontes primárias (1499-1552) houve um verdadeiro salto quantitativo e qualitativo nas missões orientais após a chegada da Companhia de Jesus. Aumenta, ainda, a quantidade de cartas que descrevem as ações da Companhia. Num espaço de 10 anos, de 1542-1552, período jesuítico aqui analisado, há mais cartas descrevendo estas missões do que nos 42 anos anteriores. Deve-se este fato ao intenso esforço dos inicianos pela comunicação com os irmãos e confrades, tanto na Europa quanto no próprio campo missionário.

Conclusões

Considerando como educação não somente as formas sistematizadas de transmissão do saber, mas, também, todo processo informal/não-formal de transmissão de cultura, costumes e de conhecimento, pretendemos afirmar que os padres portugueses desempenharam um importante papel educacional nas Índias.

Nesse prisma, não somente os padres, mas a presença da massa portuguesa em si adquire forma pedagógica, uma vez que modifica o cotidiano, o comportamento desses povos com quem entram em contato. Dessa forma, a presença dos colonizadores portugueses tornou-se educativa, pois trouxe consigo costumes/comportamentos até então desconhecidos pelos indianos; trouxe também consigo uma forma de organização política, um comércio e uma religião, os quais tentaram impor muitas vezes com uso da força.

A atuação dos padres tem seu fundo pedagógico também, pois eram eles os detentores do saber, das letras, da cultura portuguesa letrada na Índia. Por vezes, documentos enviados de Portugal para o Oriente dão ordens para que se ensinem nativos e filhos de portugueses para ler e escrever. Em outras ocasiões, são remetidas cartas da Índia a Portugal dando conta dos resultados desse ensino.

O ensino eclesiástico, ao contrário do que se pode pensar, não estava restrito à catequese ou aos dogmas do cristianismo. Certo é que tinha como objetivo favorecer principalmente a conversão, mas o ensino das primeiras letras e do idioma português figurava também como uma das atribuições dadas ao clero no Oriente.

Gradativamente, também, foi-se dando mais destaque e importância ao ensino e doutrinação das crianças. Por razões óbvias, se estas fossem ensinadas na mais tenra idade

maiores seriam as chances de aproveitamento desse esforço. D. Manuel, dando ordens acerca dos cristãos de Ceilão, em 1521 escreve “Que hos menynos christãos sejam ensynados e bem doutrinados nas cousas da fee [...]” (In: REGO, 1947, p. 414). Ainda em 1521, num despacho de D. Duarte de Menezes, então governador da Índia, lemos: “[...] que mandes entregar ao feitor de Goa cymquenta cartylhas [...] pera os ele la dar aos moços e orffaaõs pera por eles apremderem a ler [...]” (idem, p. 419). Mais à frente, vamos ler o jesuíta Francisco Xavier recomendando o ensino das crianças como uma das principais obras a ser realizadas pela Companhia de Jesus no Oriente.

O ensino da leitura e da escrita no primeiro momento missionário (antes da chegada dos jesuítas) torna-se importante por uma série de motivos. Um deles é a aprendizagem do idioma português, a fim de que houvesse uma melhor comunicação entre portugueses e nativos, facilitando as trocas e o comércio oriental, tão desejado pela Coroa. Num outro plano, é necessário esse conhecimento para que se facilite o trabalho de evangelização e catequese pelos padres que quase nada sabiam das línguas nativas. Posteriormente à chegada dos inicianos o ensino da língua portuguesa adquire caráter mais cultural, para formação de clérigos locais, já que estes padres tinham por objetivo dominar as línguas nativas a fim de que pudessem evangelizar por meio delas.

Substancialmente, queremos afirmar que a educação e o ensino (tanto secular como religioso) ministrado pelos padres na Índia consistiam, basicamente e principalmente, numa educação para o Império. Os portugueses chegaram à Índia a fim de estender sobre ela seu território imperial e dominá-la, comerciar, comprar, vender... Esse domínio não podia dar-se apenas de forma violenta e bélica. Era necessário “incorporar” novos súditos ao Império. Qual a melhor forma de fazer isso? Trazer o costume e a identidade do Império para as possessões, e isso se fez mediante a educação.

Ao proferir missas, evangelizar, ensinar, os padres estão trazendo Portugal para a Índia: estão impondo uma nova cultura sobre a já existente, estão impondo a religião cristã sobre as outras, estão criando, formando um novo povo com novos costumes. Nesse aspecto é que consideramos a atividade do Padroado como uma atividade fundamentalmente educativa, não somente na Índia, mas em todos os domínios portugueses alcançados por esses padres.

O Padroado foi uma instituição necessária ao desenvolvimento da expansão portuguesa e da conseqüente formação de seu Império colonial. A atuação dos padres, para além de inseparável, pode ser considerada indispensável no que diz respeito à dominação cultural e cívica sobre os novos súditos. No caso da Índia, particular recorte deste trabalho, o efetivo desempenho da educação cristã deu-se a partir da vinda dos primeiros jesuítas, ou seja, a partir de 1542.

Não desejamos por meio destas afirmações desmerecer, ou mesmo descartar o trabalho de todos os missionários anteriores aos jesuítas, sejam eles seculares, franciscanos, agostinhos, carmelitas ou de outras ordens, que tão prontamente deslocaram-se para as Índias no início da ocupação portuguesa. O que deseja-se aqui é delimitar uma diferença e, na verdade, uma grande diferença entre os instrumentos de evangelização e educação inicianos dos demais.

O agir jesuítico na Índia mudou completamente a face da cristandade ali existente. Até a morte de Francisco Xavier, em 1552, a Companhia fez um grande trabalho no Oriente português. Trabalharam como verdadeiros disseminadores da religião cristã e da cultura e costumes portugueses como um todo.

Mesmo após a morte de Xavier, é evidente que o trabalho não cessou. Devido, porém, aos limites deste trabalho, nossa análise obedeceu a um recorte e uma delimitação. Ainda que curto seja o período que compreende nosso estudo podemos por meio dele afirmar, fundamentalmente, que a Companhia de Jesus realizou um verdadeiro processo educacional e pedagógico neste período da história do colonialismo português na Ásia.

REFERÊNCIAS:

BOXER, C. R. **A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)**. Lisboa: Edições 70, 1981.

_____. **O Império Marítimo Português (1415-1825)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

MANSO, Maria de Deus Beites. **A Companhia de Jesus na Índia (1542-1622):** Actividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais. Évora: Universidade de Évora; Macau: Universidade de Macau, 2009.

OLIVEIRA, P. Miguel de, S. J. **História eclesiástica de Portugal.** 3ª ed. Lisboa: União Gráfica, 1958.

REGO, António da Silva (org.). **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente.** 1º vol. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. 1947.

_____. **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente.** 2º vol. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. 1991.

_____. **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente.** 3º vol. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1950a.

_____. **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente.** 4º vol. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1950b.

_____. **Documentação para a história das missões do Padroado português do Oriente.** 5º vol. Lisboa: Agência Geral das Colônias, Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1951.

ROSA, Henrique, S. J. **Os Jesuítas:** de sua origem aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 1954.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. **Jesuítas e inquisidores em Goa:** a cristandade insular (1540-1682). Lisboa: Roma Editora, 2004.